



Notícias do Mundo

todos, inclusive os “qualificados”. No fim do ano passado, mais da metade das 500 maiores empresas listadas pela revista *Fortune* já havia transferido um número significativo de postos de trabalho intelectual para outros países.

Rafael Evangelista



Reprodução

Proteção contra invasores:
da Idade Média à atualidade

GEOPOLÍTICA

Os diferentes muros sociais que se erguem no mundo contemporâneo

As cidades muradas da Idade Média eram constituídas para proteger suas comunidades do invasor, da barbárie. Os muros de nossa história contemporânea – construídos por Israel na Cisjordânia, no lado leste da Palestina e pelos Estados Unidos, na fronteira com o México – por trás de uma função comum, que é

“tentar impedir, de modo absoluto, a transposição, pela população, da fronteira entre duas unidades políticas distintas”, diferenciam-se do seu congêneres mais famoso de nosso passado recente, o muro de Berlim. Na análise dos geógrafos Ricardo Castillo (da Unicamp) e Ricardo Mendes Antas Junior (da Unifiefio), apesar das conseqüências trágicas, o muro de Berlim derivou-se de um período histórico de equilíbrio político – a Guerra Fria – entre duas potências: os EUA e a União Soviética. Já os atuais, em território palestino e mexicano, representam a exacerbação do poder, “a tirania de poderes desmedidos e sem peias”. As fronteiras, obsoletas no conceito popular da globalização, estão longe de acabar, mas passam por uma profunda reformulação, avaliam os pesquisadores. “Conforme várias vezes afirmou o geógrafo Milton Santos – pensador atual que melhor refletiu sobre o tema – da mesma forma que as fronteiras podem ser um instrumento de coação e controle, também se apresentam como instrumento de proteção e de emancipação das sociedades nacionais”, afirmam. Pouco comentado, o “muro do México” (ou “muro do Império”, como preferem alguns) que separa este país dos Estados Unidos, vai da praia de Tijuana, no

Oceano Pacífico, e se estende sem interrupção por toda a fronteira entre os dois países até chegar no rio Grande. Começa a 150 metros mar adentro, como uma armação de 8 metros de altura de barras de aço e concreto, e se transforma numa linha de alambrados, paredes de concreto ou marcas de pedra. Alguns pontos estratégicos são vigiados com rigor, usando-se de câmeras, luzes e sensores eletrônicos, controlados pela polícia de fronteira. Estudos da Universidade de Houston mostram que de 1994 até hoje morreram mais de 2,2 mil pessoas tentando atravessar a fronteira. O ano de 1994 marca a criação da Operation Gatekeeper, na Califórnia, especializada na vigilância da fronteira. Até aquele ano, o número de mortes vinha diminuindo, mas passa a crescer em 1995. Um aumento significativo é registrado entre os anos de 1999 e 2000, pulando de 250 para mais de 350 mortes por ano. Em quase 30 anos de história, morreram entre 800 e 1 mil pessoas tentando atravessar o muro de Berlim. Para Castillo e Antas, o muro entre o México e os Estados Unidos é apenas a evidência concreta que separa o mundo subdesenvolvido do desenvolvido de modo geral. “É o caso mais

MURO

grave, pois esse muro é uma absolutização de uma das maiores contradições do período atual: a maior concentração de riquezas já havida na história. O fato é que há, também, um “muro” entre Brasil e Estados Unidos. E entre nós e a Inglaterra, a França, a Alemanha etc”. Para eles, enquanto a circulação de mercadorias, capitais, informações e fluxos financeiros fica liberada no contexto atual, a dos homens é cada vez mais restringida.

MURO ÉTNICO Já o muro localizado no Oriente Médio, que adentra territórios palestinos ocupados por Israel teria outra natureza. “Esse é um muro étnico, da recusa de integração entre povos, da recusa da paz”, dizem os pesquisadores. Alegando questões de segurança, o governo de Israel está construindo uma barreira de mais de 700 km na Cisjordânia. Com exceção do governo norte-americano, as principais lideranças internacionais têm condenado, com alguma veemência, Israel pela construção do muro. A fronteira que ele estabelece vai além da chamada “linha verde”, marco internacionalmente reconhecido como limite de Israel. Em artigo intitulado “Muro, humilhação e roubo”, o lingüista e ativista político americano de origem

judaica Noam Chomsky questiona os argumentos de segurança para sua construção. “O que o muro realmente faz é tomar terras palestinas”, afirma. Segundo ele, a área que Israel está tomando para si possui os melhores recursos naturais da região. Os colonos israelenses instalados nesse território terão garantido o direito de uso da terra; já os palestinos precisarão reivindicar o direito de “viverem em suas próprias casas”, afirma Chomsky. Após a pressão internacional, Israel anunciou que alterará o desenho atual do muro, aproximando-o - mas não o igualando - da “linha verde”.

Rafael Evangelista

MUSEUS DE CIÊNCIA

Latino-americanos: muita criatividade, pouca organização

Contenção de recursos, pouca organização, criatividade de sobra e bons profissionais. Com essa composição de elementos, os centros e museus de ciência latino-americanos logram organizar exposições únicas, equiparando-se aos maiores e melhores do mundo. Este é o cenário traçado por Julia Tagüeña Parga, física e diretora-executiva da

Rede de Popularização da Ciência e da Tecnologia na América Latina e Caribe (*Rede Pop*). O desafio é popularizar a ciência no segundo continente com as piores condições do mundo neste setor. Há 12 anos à frente do Museu Universum, do México, Julia acredita na cultura científica como forma de tornar as pessoas mais tolerantes e, assim, fomentar atividades pacíficas.

Qual é a visão sobre a inserção da educação no Museu Universum?

JULIA: A concepção atual é de uma relação muito forte com a educação informal ou não formal, mesmo nos cursos que são dados nos museus. O museu permite às crianças seguirem um ritmo pessoal de aprendizagem. A função do museu é ser um detonador de interesses, dando-lhes a informação sobre livros ou atividades complementares. Outro trabalho importante é com os adultos que, a partir de uma certa idade, deixam de ir à escola e perdem o contato com a ciência. A ida ao museu pode detonar um processo de educação contínua. Existem museus mexicanos que têm convênios com escolas sem infra-estrutura e lhes oferecem laboratórios.

Um museu deve trabalhar a inclusão social?

Com os problemas sociais tremendos existentes em nossos países, penso que deve haver programas